



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O grito de inconformismo

Nos tempos em que lecionava em uma faculdade, questioneei bastante a música sertaneja. Uma aluna replicou que eu estava ofendendo o seu gosto musical. Esclareci que não; o meu ponto de vista era apenas o de um analista cultural. Simplesmente, discutia valores culturais.

A primeira fase de minha adolescência ocorreu sob a órbita da Jovem Guarda de Roberto Carlos, Erasmo Carlos de Wanderleia. Quando eu tinha 13 ou 14 anos, comprava os discos, lia as revistas e estampava nas paredes do quarto

pôsteres de Wanderleia como se ela fosse uma estrela hollywoodiana.

Pois bem, o tempo passou, me tornei jornalista cultural e, aos 22 anos, portanto, oito anos depois, entrevistei Wanderleia em Brasília. Ela foi muito simpática, lembrei do fascínio da adolescência, mas observei que, agora, eu tinha uma visão crítica da Jovem Guarda. Wanderleia disse que aquele período havia sido maravilhoso, no entanto, também não era mais uma adolescente e cantava um repertório diferente. Evoquei o episódio porque queria mostrar à aluna que o nosso gosto estético não é absoluto; é relativo, depende dos valores, da educação e das experiências.

Logo depois da Jovem Guarda, entrei em contato com a Tropicália, de

Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, nos programas de tevê. Caetano aparecia dentro de uma jaula, vestido com o parangolé de Hélio Oiticica, jogando bananas e cantando: “É preciso estar atento e forte/Não temos tempo de temer a morte/Tudo é perigoso/Tudo é divino maravilhoso”.

A Tropicália caiu em minha cabeça como um objeto não identificado. Todavia, aos poucos, percebi que ela fazia uma colagem surreal e crítica de dimensões contraditórias do Brasil: o samba e o rock, o tamborim e a guitarra, a bossa e a fossa, o palácio e a palhoça, a poesia de vanguarda e a breiguice, Luiz Gonzaga e Vicente Celestino, os parangolés de Hélio Oiticica e os arranjos eruditos de Rogério Duprat, a alta-costura e a alta cultura.

Caetano Veloso declarou, recentemente, no tom quase sempre provocativo, que a música breganeja e o funk carioca eram a nova Tropicália. Com todo respeito e com a quase devoção que tenho por Caetano, permita-me discordar. Parece-me que a música breganeja e o funk carioca (apesar da inventividade musical) constituem, não a nova Tropicália, mas, sim, a nova mediocrália.

A música breganeja é de uma alienação e de um conformismo inacreditáveis. É uma trilha sonora da distopia. Enquanto isso, algumas letras do funk são revoltantes pelo desrespeito às mulheres. Em compensação, fico impressionado com a atualidade dramática do rock e com o punk da década de 1980. O rock da década de 1980 nasceu do inconformismo do punk.

Confiram a indignação expressa na canção *Inimizade*, do grupo Cólera, diante da servidão voluntária: “Inimizade eu tenho por aqueles que querem comandar/Que querem obter o poder às custas de enganar e roubar/Inimizade eu tenho também aos que se deixam enganar/Que fecham os olhos pra não ver os grandes roubarem/Inimizade, inimizade! Eu não sei!”

Essas canções explosivas foram compostas na década de 1980, mas nunca estiveram tão atuais ante o conformismo de quem vive alienado na bolha virtual. São gritos primais de insubmissão, provocação e alerta. “Como esse mundo vai pra frente/se só existe delinquente?/O mundo acabará numa grande explosão/Cegos, surdos e mudos nada ouvirão.”

» Entrevista | ANDRÉIA LIMEIRA WAIHRICH | ADVOGADA



Ao *CB.Poder*, a especialista em violência doméstica e intrafamiliar, falou sobre lacunas que ainda precisam ser revisadas nas políticas públicas voltadas à proteção das vítimas. “Hoje, muitas delas não têm condições de ir a uma delegacia”

"Mais proteção para as mulheres"

» CARLOS SILVA

A violência de gênero foi tema do CB.Poder — parceria entre Correio e TV Brasília —, após casos de feminicídio chocarem a cidade no fim de semana. A convidada do programa, a advogada Andréia Limeira Waihrich, especialista em violência doméstica e intrafamiliar

ex-presidente da Comissão de Violência Doméstica e Familiar da OAB-DF, alertou para a necessidade de políticas públicas mais eficazes. Em conversa com as jornalistas Adriana Bernardes e Ana Maria Campos, a entrevistada comentou casos recentes e falou sobre o trágico ciclo que leva à morte de diversas mulheres.

ED ALVES/CB/D.A.Press



Como o ciclo da violência se inicia e evolui até o feminicídio, e como as vítimas podem identificar esses sinais?

A violência intrafamiliar começa com pequenos rituais, como o desmerecimento da vítima, situações nas quais ele (o agressor) desacredita a palavra dela e mina sua autoestima. Quando ele consegue colocar a mulher nessa situação de vulnerabilidade, começa com a aplicação da violência. Então há violência física, moral, psicológica, até por fim, feminicídio ou a tentativa de feminicídio. Todo esse contexto acontece num cenário em de isolamento da vítima, invisibilizada frente às redes de apoio.

Tivemos cinco feminicídios no DF este ano e um caso recente em investigação. Onde estamos falhando na proteção das mulheres?

Aquele que comete o crime de feminicídio teve uma pena aumentada em relação a essa prática, mas nós não temos uma efetividade em relação a como as políticas públicas devem ser implementadas, além dessa punição. Hoje, temos muitas mulheres que não têm condições de ir a uma delegacia, nem apoio psicológico, financeiro ou jurídico para que busque os canais de atendimento para um melhor para uma melhor efetivação dessa segurança.

O aumento das penas não é totalmente eficaz para deter agressores?

O aumento da pena é um avanço dentro da nossa política institucional para combater a impunidade. Mas, antes disso, existe uma estrutura que deve ser muito bem preparada. A primeira infância, por exemplo, precisa ser estruturada para que ela (a vítima) não sofra violência, nem participe dessa violência e, sobretudo, crie mecanismos de denúncia. Infelizmente, hoje, no Brasil e, sobretudo no DF, temos uma escassez desses programas de educação. Da mesma forma, temos uma falta de programas locais, nos quais precisamos de acolhimento dessas mulheres para que elas se sintam empoderadas, dentro dessa relação de violência e denunciem. E, a partir da denúncia, o poder público possa dar a ela o mínimo de segurança

possível, a fim de que ela não chegue ao fim do ciclo da violência, que é o feminicídio.

Recentemente, houve a absolvição do ex-jogador Daniel Alves. A Justiça da Espanha considerou insuficiência de provas. Decisões como essa não aumentam o



Confira entrevista na íntegra

receio de mulheres em denunciar agressões?

Isso é muito grave, porque temos esse resultado fora do Brasil, mas temos muito resultados no país, como no caso da Mariana Ferrer. Ela

é vítima de uma violência grave, que pode trazer transtornos durante toda a vida, mas o Judiciário

não teve esse olhar acolhedor para ela, enquanto vítima e, principalmente, não deu a ela a segurança da palavra, estabelecido por lei. Mariana é uma jovem influencer e alegou judicialmente que teria sido estuprada durante uma festa. Foi um caso do Rio Grande do Sul de muita repercussão, porque as partes estavam muito presentes na internet. O agressor era uma pessoa com muito poder aquisitivo e toda a defesa dele foi de desacreditar a palavra da vítima.

Como esse padrão de violência se instala nas famílias, sendo repetido de forma quase instintiva pelos homens?

Quando fazemos o estudo da personalidade do agressor, trabalhamos com ele desde a infância. É muito comum que eles tenham famílias disfuncionais, onde o pai exercia um papel de muito poder sobre a mãe, e ele cresceu com esse entendimento de que a mulher era um objeto. A partir daí, ele reproduz essa violência.

COMÉRCIO

Rigor no horário das distribuidoras de bebidas

» VITÓRIA TORRES*

As distribuidoras de bebidas do Distrito Federal terão horário de funcionamento limitado entre 6h e meia-noite. A medida, publicada no *Diário Oficial do DF*, foi tomada pela Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF) para tentar reduzir a criminalidade em áreas próximas a esses estabelecimentos. O decreto, no entanto, não afeta bares e restaurantes, que seguem regras diferentes por oferecerem um espaço para consumo no local.

A restrição pode afetar financeiramente as distribuidoras, que dependem das vendas

durante a madrugada para manter seus negócios. Por outro lado, o governo acredita que a medida ajudará a conter a violência, reduzindo ocorrências de brigas e crimes em áreas das redondezas desses estabelecimentos.

Segundo um levantamento da SSP-DF, 24% dos homicídios registrados no DF até fevereiro de 2025, tentados e consumados, ocorreram perto de distribuidoras. No ano passado, esse percentual foi de 20%. Outro dado que motivou a decisão foi o aumento da violência no período da madrugada. Em 2024, 33% dos homicídios consumados nesses locais aconteceram

Vitória Torres/CB



Carlos Rodrigues critica medida: “Afeta os clientes e os empregados”

entre meia-noite e 6h. Já neste ano, o número subiu para 60%.

A decisão tem gerado debates entre comerciantes e frequentadores. Para Carlos Rodrigues,

dono da distribuidora de bebidas Conexão, no Setor de Indústrias Gráficas (SIG) do Plano Piloto, a restrição pode prejudicar os comerciantes do setor. “Existe um

faturamento após esse horário. Têm pessoas empregadas, porque existem clientes que consomem nesse período. Eu não vejo sentido nesse decreto, visto que os bares vão funcionar normalmente. Ou seja, afeta o comércio, os clientes e os empregados”, argumenta. “Quem é violento tem essa natureza. Ser agressivo não tem horário”, acrescenta.

Oswaldo Jacó, sócio da distribuidora de bebidas Chapéu de Lata, no Cruzeiro Novo, acredita que a limitação será benéfica. “Eu gostei. Depois da meia-noite só dá confusão. Vai diminuir a violência. O lucro do comerciante não compensa o risco de ficar até tarde trabalhando”, opina.

Tumultos

Entre os clientes, a medida também gera opiniões

diversas. O analista de redes Luidi Quartezañi vê a restrição como uma forma de evitar tumultos e problemas com o tráfico de drogas. “Qualquer coisa, hoje em dia, já é motivo para agressão. As pessoas sempre querem fugir da realidade. A bebida e as drogas são uma forma disso acontecer”, afirma. No entanto, ele ressalta que a decisão deve ser analisada por impactar comerciantes e trabalhadores do setor.

Com a mudança, a expectativa é de que os números da criminalidade sejam reavaliados nos próximos meses para medir a eficácia da restrição. Enquanto isso, comerciantes e clientes se adaptam a uma nova rotina de consumo de bebidas no DF.

*Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 31 de março de 2025

» Campo da Esperança

Aldenora Gonçalves Ferreira, 85 anos
Cândido Honorato da Silva, 72 anos
Edmilson Ferreira dos Santos, 75 anos
Eudócio Pereira de Freitas, 88 anos
Georgina Maria de Aguiar Soares, 84 anos
Lirio Gregório de Azevedo, 87 anos
Maria Adelina Quirino, 12 anos

Maria Dilosa de Sousa Nunes, 64 anos

Maria Sônia Ferreira, 76 anos
Raimunda Cavalcante Paula Fuertes, 84 anos

» Taguatinga

Antônio José Laurindo Gomes, 73 anos
Esteria Luíza Barbosa, 88 anos

José Rodrigues da Silva, 93 anos
Luíza Miranda Ataídes, 69 anos
Sofia Valentina de Souza Lopes, 6 anos
Zita Carla de Lima Valdivino, 45 anos

» Gama

Fernando Gomes e Silva, 77 anos
Maria Gentileza Almeida Lourenço, 53 anos

Maria Madalena Tavares Barbosa, 85 anos
Nair Sousa, 86 anos

» Planaltina

Jakson Ciríaco de Lima, 43 anos

» Brazlândia

Paulo Roberto Gonçalves da Mota, 62 anos

» Sobradinho

Davina Maria de Jesus, 89 anos
Dayane Barbosa Carvalho, 35 anos
Francisco Chagas Casimiro, 79 anos
Jovercino Antônio de Oliveira, 39 anos
Maria Rodrigues Torres, 67 anos

» Jardim Metropolitano – Cremação

Newton José Almada Machado, 69 anos